

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ POLÍTICAS PARA FORMAÇÃO E PRODUÇÃO EM DANÇA (PÓS)PANDEMIA: perspectivas latino-americanas

Este dossiê temático, que marca a edição número 11 da Revista Dança, é um desdobramento de duas edições dos webinários “Políticas para a Dança e os impactos da pandemia: perspectivas latino-americanas” (2020 e 2022), concebido pela professora Lúcia Matos e organizado pelo grupo de pesquisa Políticas, Processos Corporeográficos e Educacionais em Dança (Proceda) vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

O primeiro ciclo de webinários, realizado entre os meses de setembro a novembro de 2020, surgiu em meio a um desejo de estar-junto, de potencializar (re)encontros virtuais, frente a todo o estado de indagação e de incertezas gerado pela emergência sanitária do covid-19. A pandemia agravou a crise social, política e econômica que já estava instaurada no cenário brasileiro, desde o golpe político-jurídico-midiático de 2016, com a subsequente ascensão da extrema-direita ao governo federal, o que aprofundou ainda mais as desigualdades presentes em nossa sociedade e trouxe graves prejuízos aos campos educacional e cultural. Além disso, a covid-19 amplificou a percepção da fragilidade da vida, a necessidade de sua preservação perante o desconhecido vírus e o combate à necropolítica instaurada nesse Estado de extrema-direita.

Diante desse cenário, o I Webinário foi construído com a participação de 32 palestrantes oriundos de oito países latino-americanos, que a partir de seus distintos contextos e experiências como pesquisadores/as, artistas, gestores/as e professores/as da educação básica, puderam indagar e problematizar o momento vivido, refletindo sobre os possíveis impactos da pandemia no campo da formação e da produção em dança.

Passados dois anos, entre novembro e dezembro de 2022, já com mais informações sobre a covid-19 e num processo de retomada da presencialidade, ainda que cautelosa, decidimos realizar uma (re)dobra sobre o primeiro webinário mantendo o formato on-line. A partir da seguinte pergunta: como estamos fazendo e o que estamos fazendo? 14 pessoas de oito países, em sua maioria participantes da primeira edição, foram convocadas para

apresentarem pistas sobre como e o que estavam fazendo para potencializar outros devires nos processos de formação e de produção em dança, a partir das experiências suleares vivenciadas nos dois anos e meio pandêmicos.

Findado o ciclo desses webinários, em 2023, recebemos o convite para organizarmos uma chamada para um Dossiê Temático, o qual foi intitulado: *Políticas para formação e produção em dança (pós)pandemia: perspectivas latino-americanas*. Assim, esta edição apresenta as perspectivas de autores de três países latino-americanos, e é composta por sete artigos, três deles publicados em espanhol, uma entrevista e uma tradução.

Quanto aos impactos da pandemia na produção artística em dança, contamos com duas colaborações. A pesquisadora Margarita Tortajada, no artigo intitulado “La danza vive, la lucha sigue: experiencias en tiempos de pandemia y postpandemia en México”, apresenta uma breve contextualização sobre a inserção social e o campo de trabalho do/a artista da dança no México e centra sua análise nas estratégias e impasses encontrados na produção independente, a partir da perspectiva de quatro artistas da dança contemporânea. Já pelo olhar de Marília Rameh (Brasil), nos é mostrado a instabilidade presente nos setores da cultura e das artes na pandemia e pós-pandemia no Brasil, com foco no cenário político do estado de Pernambuco, descrevendo ações de mobilização dos/as artistas e fazedores/as da cultura para a efetivação das políticas emergenciais, situando esse contexto a partir do movimento da sociedade civil “Dança de PE”. Situa ainda os processos vivenciados pela Cia. Artefolia, companhia com quase 30 anos de existência, que apesar de todos os atravessamentos enfrentados durante a pandemia, não deixaram de conjugar o termo freireano “esperançar”.

Em relação ao ensino da dança esta edição conta com cinco artigos. Três deles exploram experiências vivenciadas em universidades (duas brasileiras e uma peruana); outro artigo aborda os processos de ensino na pandemia em cursos de formação profissionalizante no México e o quinto texto apresenta os resultados de uma investigação sobre os dispositivos de poder presentes em aulas remotas de dança no ensino formal de escolas privadas.

Mirella Carbone da Pontificia Universidad Católica del Peru (PUCP), narra as experiências e desafios encontrados no curso de Licenciatura em Dança dessa instituição, durante o período de aulas remotas e no progressivo retorno à presencialidade. Para tanto, situa o conturbado contexto político do Peru dos últimos anos, as dificuldades encontradas pelo/a artista da dança em seu país e, por meio de entrevistas semiestruturadas, identifica dificuldades e desafios enfrentados pelas pessoas docentes e estudantes

de dança da PUCP, no período pandêmico e pós-pandêmico. Além disso, articula essa análise com produções artísticas construídas pelas pessoas estudantes na pandemia, as quais foram ressignificadas no retorno à presencialidade.

Por uma via similar, as pesquisadoras Ana Krischke e Valéria Figueiredo situam singulares experiências vivenciadas nos últimos anos no curso de dança da Universidade Federal de Goiás, focando a análise numa crise da presença, a qual também implica em tornar visível as pessoas invisibilizadas em nossa sociedade, principalmente em relação às questões da diversidade de gênero e étnico-racial. Para tanto, apresentam uma análise de ações desenvolvidas no projeto de ensino *RecomViver*, criado em 2021, por meio do qual levantaram diagnósticos relativos à realidade da comunidade estudantil, decorrente do período pandêmico e apontam a potência de outros modos de estar junto e de reconhecimento de fazeres plurais.

A investigadora Amélia Conrado, inicia seu artigo apontando a ausência de políticas culturais para as danças da diáspora africana-brasileira. Ao mesmo tempo, sinaliza a importância de alguns projetos sociais e de escolas que trabalham com as manifestações culturais e artísticas afro-diaspóricas, os quais têm contribuído contra os apagamentos étnico-culturais. Ainda situa as contribuições de pesquisas geradas no âmbito da recém-criada linha de pesquisa “Dança e Diáspora Africana: expressões poéticas, políticas, educacionais e epistêmicas” do Programa de Pós-Graduação em Dança da UFBA.

No artigo intitulado “Dispositivos de poder e controle no deslocamento das aulas presenciais de dança para o ensino remoto no ensino formal”, as autoras, Lorena Oliveira, Elke Siedler e Marila Vellozo, analisaram as percepções de docentes de dança do sistema privado de educação básica em cinco cidades do Paraná, relacionando-as ao período do ensino remoto e apontam como os dispositivos de controle e poder, compreendidos nas acepções foucaultiana e agambeniana, renovaram-se com a pandemia incidindo sobre o controle e a mobilidade corporal de estudantes.

Ainda no campo da formação em dança, a pesquisadora Alejandra Pérez (México), no artigo “Prácticas de enseñanza emergentes en la formación dancística profesional en México durante la pandemia por covid-19”, reflete sobre as perspectivas de três professoras de dança que atuam em distintos espaços formativos profissionais, na Cidade do México e em Mérida, questionando as especificidades de cada contexto, as necessidades de adaptações e as propostas de ensino que cada professora construiu durante a pandemia da covid-19.

Na seção seguinte, o artigo “Práticas performativas e o conflito da memória na Colômbia: construindo um arquivo digital ‘decolonial’ e justiça epistemológica”, apresenta a importante tradução feita pela professora Cristina Rosa (Universidade de Roehampton). O artigo das pesquisadoras Melissa Blanco Borelli (Northwestern University, EUA) e Olga Lucía Sorzano (Agencia de Desarrollo Rural, Colômbia) coloca-nos diante dos processos de produção de memória, na Colômbia, um território amplamente afetado pela violência provocada pelas lutas entre forças governamentais e forças de guerrilha locais. Nesse processo, destaca-se o referencial decolonial apresentado pelas autoras para mobilizar as discussões sobre violência, território e práticas artísticas, culturais e danças negras, numa região da Colômbia que pouco se reconhece como tal. O desfecho encarna-se na criação de um arquivo digital denominado Corpografias, cujo objetivo é apresentar as vozes dessas comunidades e registrar as práticas artísticas afrodescendentes e indígenas.

Finalizando a edição deste número da Revista Dança, apresentamos a entrevista realizada por Matias Santiago e Lúcia Matos (UFBA), com Rui Moreira, atual Diretor de Artes Cênicas da Fundação Nacional de Artes (Funarte), o primeiro artista/gestor da dança a ocupar esse cargo. A entrevista, feita de forma escrita, possibilitou um transitar por temas que são de interesse da comunidade da dança e das artes cênicas, após os seis anos do inicial desmonte das políticas culturais federais e a posterior extinção do Ministério da Cultura. Assim, Rui Moreira apresenta reflexões iniciais das políticas culturais, nesse processo de retomada do Ministério da Cultura e da Funarte. Nessa multiplicidade de temas emergentes, destaca-se a importância da participação da sociedade civil, discutem-se os problemas do fomento e da regulamentação da profissão do artista da dança, bem como, temas sobre a diversidade, inclusão de gênero, questões étnico-raciais e a descentralização geográfica das ações da Funarte são abordados.

Por fim, neste momento de novos respiros no Brasil, mas ainda com todos os impactos gerados pela pandemia e pelas afecções geradas em nossos estados de corpo, esperamos que este Dossiê seja mais um fluxo propositivo para pensarmos outros devires políticos, éticos e estéticos para a dança e a sociedade.

Lúcia Helena Alfredi de Matos e Adriana de Faria Gehres
Editoras convidadas